



A ilusão do Voto

por CABN



Ilustração de Neto Lemos

Chegam as eleições e discursos pomposos de democracia são feitos em todas as mídias. Candidatos assumem para si o dever de administrar e legislar o bem público, tudo em nome da democracia. Querem nos fazer acreditar que o maior símbolo de realização democrática é o exercício do voto e, é aqui que a democracia aparece para a população, é só aqui que a “democracia” invade a vida social.

O sistema de representatividade, vigente nas eleições, é criado e mantido pelos grupos dominantes de nossa sociedade, os lacaios e exploradores do povo que dessa forma mantêm seus próprios interesses, sejam políticos ou econômicos. É uma ilusão pensar que, um partido, aliança ou indivíduo possa, de fato, ser o mais fiel representante de milhares e milhares de pessoas. O que está em jogo é, na verdade, uma luta das elites pelo poder e o trabalhador não passa de uma mera marionete no meio dessa disputa.

Cada vez mais, a política passa a ser encarada com total descrédito pela massa. A cultura do delegacionismo – “eles farão por mim” – cria uma falsa ilusão de que a política é suja e deve ser praticada apenas pelos políticos profissionais, a “política para os políticos”.

O verdadeiro sentido das eleições não é o de levar adiante um processo democrático de inclusão e participação popular, onde a população possa aumentar a sua participação nas esferas de decisão, mas o de representar um retrocesso e um distanciamento do fazer política – este é o

principal objetivo dos partidos envolvidos nesse processo, o logro das eleições com o número de votos.

Os partidos de esquerda, comumente chamados de populares, hoje encostam-se no muro da moderação, tornando-se conciliadores de classe. Alimentam a falsa esperança de que uma mudança de fato poderá ocorrer, caso se elejam alguns autodenominados representantes do povo. Em vez disso, apropriam-se da manutenção de um sistema eleitoral, político, jurídico, econômico e social totalmente controlado pelas elites.

No perfil das siglas, o que se observa, apesar de muitos partidos se considerarem da situação ou da oposição, é que o quadro permanece inalterado: quem sobe e quem desce faz parte de um jogo de dominação e exploração que necessita subsistir para sua continuidade, para a manutenção de um Estado que defenda os interesses dos poderosos e se apresente para o povo como democrático.

O atual regime, de usurpação e espoliação do trabalho e da natureza, busca através do sufrágio universal sua legitimidade. A adesão de suas vítimas – cidadãos (dimensão política) e trabalhadores (dimensão econômica), nos mecanismos do Estado, chancela o que este mesmo representa: a tomada de posse do Poder pela classe dominante. Já dizia Sebastien Faure “O Estado é o guardião das fortunas adquiridas; é o defensor dos privilégios usurpados; ele é a muralha que se ergue entre a minoria governante e a multidão governada; é o dique alto e largo que põe um punhado de milionários ao abrigo dos assaltos que lhe lança a torrente agitada dos espoliados.”

Está aberta a caçada! Candidatos disputam com propostas, personalismo, estratégias de marketing, cada eleitor, ou melhor: cada voto. Pois basta olhar para o espetáculo marcado por drama, comédia, farsa, do trágico ao sentimental, para perceber sua obsessão pelo voto. E ainda proclamam que votar é realizar um dever sagrado. Mas sejamos justos: em alguns partidos que fazem parte desse jogo, impregnado de podridão, existem homens e mulheres honestos(as), que procuram de fato ajudar as suas comunidades ou os movimentos sociais que pensam representar. No entanto, além de somarem uma reduzidíssima quantidade, encontram-se perdidos no meio de tanta corrupção e falsos acordos e, se não acabarem incorporados ao esquema fétido, estarão reduzidos à impotência.

O período eleitoral, no lugar de representar um

período democrático e de participação popular, representa de fato um pequeno período onde entregamos nosso poder de fazer política, de discutir as questões da cidade, do estado ou da nação e de decidir sobre elas, àqueles que se apresentam como políticos profissionais. Permitimos que eles decidam nossas vidas por nós, decidam sobre as creches, os hospitais, as escolas, sobre nossos salários, sobre o preço da nossa comida, nos roubem através de impostos e nos façam sustentá-los em seus palácios cheios de privilégios concedidos por nós.

Afinal, já dizia Elisée Reclus, geógrafo francês: “votar significa abrir mão do próprio poder. Eleger um senhor, ou muitos senhores, seja por longo ou curto prazo, significa entregar a uma outra pessoa a própria liberdade”. Criticando radicalmente o modelo atual de representatividade, votar é legitimar as origens do Estado, é fortalecer seu poder, ser cúmplice de seus crimes. É delegar nosso poder de decisão a outros.

O sistema de eleição reflete um absurdo: acreditar que alguém possa emitir opinião e legislar sobre todas as questões: saúde, agricultura, transporte, comércio, indústria, educação, guerra, moradia, etc., e até mesmo sobre seu próprio salário (?!). Permite que o banditismo e a corrupção façam parte do dia-a-dia da administração do bem público.

Não acreditar no jogo das eleições é apenas um passo que podemos dar, porém, para que ele seja efetivo de fato, devemos ir além e participar da vida política da cidade, de nossos bairros, de nossas escolas, hospitais, creches. Precisamos nos organizar, entre nossos pares e ir às ruas quando aumentam a tarifa de ônibus, o preço do pão, quando fecham nossas escolas, quando precisamos de mais hospitais, quando privatizam a saúde, a educação, etc.

Precisamos dar uma lição nesses políticos e esta lição vem das ruas, como demonstraram recentemente vários companheiros trabalhadores de outros países: na Argentina, após a era Menem, os painéis derrubaram 5 presidentes em 2 semanas; na Bolívia, o povo enfrentou

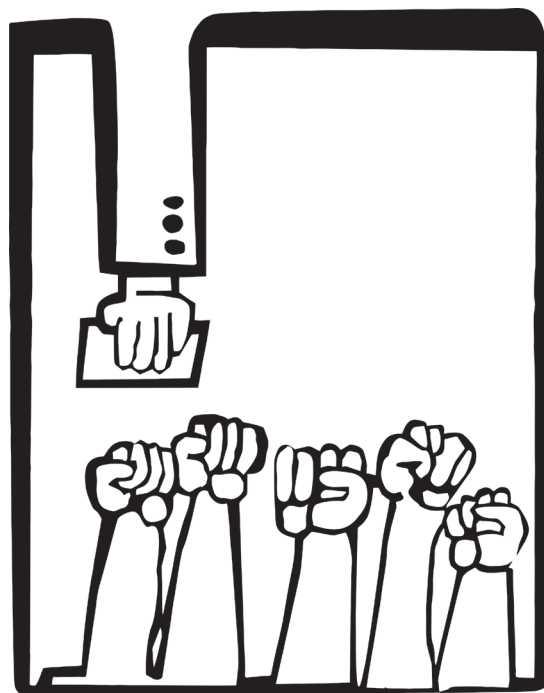


Ilustração do Maio de 68, França.

a privatização da água; no Equador, também foram destituídos presidentes; mais recentemente, os povos árabes demonstraram sua capacidade de luta contra os velhos ditadores que, por anos exploravam o povo. Nos anos de 2004 e 2005, em Florianópolis, fomos às ruas e logramos a redução daquela tarifa que a prefeitura tentou impor. Isso é fazer política além do voto! A capacidade de mobilização popular gera uma força social que, se não contida pelos poderes reacionários do Estado, pode causar sérios danos à estrutura de dominação e exploração.

Nosso poder está nas ruas, nosso poder é popular. Enquanto uns votam com os de cima, nós escolhemos lutar com os de baixo, o povo, aqueles que vivem sustentando essa injusta pirâmide social que representa a nossa sociedade desigual e desumana.

Viva o Poder Popular!

1 ano do Coletivo Anarquista Bandeira Negra

O Coletivo Anarquista Bandeira Negra completa seu primeiro ano de existência, tendo se lançado publicamente em Florianópolis no dia 27 de agosto de 2011, data em que apresentou sua carta de princípios junto ao lançamento de dois livros, um sobre a Comuna de Paris e outro sobre o pensamento de Anton Pannekoek. No entanto, sua história é mais antiga, pois ele é fruto de vários anos de debates entre os anarquistas catarinenses, iniciados com a vinda da Federação Anarquista Gaúcha (FAG) para Joinville em 2005, quando ministrou uma palestra na cidade. Anos mais tarde alguns companheiros do estado passaram a compor a Rede de Apoio da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), o que possibilitou a aproximação de diversos anarquistas da região sul do país, particularmente das cidades de Florianópolis, Joinville e Curitiba, que organizaram em 2009

o Colóquio sobre Anarquismo Social, contando com a presença da FAG e da FARJ. Nesse período também acompanhamos o surgimento do Coletivo Anarquista Luta de Classe, em Curitiba, que foi de grande inspiração para nós. Em Joinville, vale lembrar a iniciativa do Pró-Coletivo Anarquista Organizado, em 2009, resultando na criação da Organização Dias de Luta, que teve pouca duração, mas que com o surgimento do CABN passou a integrá-lo, dando assim uma organicidade estadual para a organização.

A criação de nossa organização política se inspira nas propostas organizativas do anarquismo do século XIX, representado por revolucionários como Bakunin e Malatesta, assim como na corrente especificista desenvolvida em experiências latino-americanas como a da Federação Anarquista Uruguaia (FAU), mantendo os anseios e lutas anar-

quistas por uma sociedade verdadeiramente livre e igualitária que deram forma e vida ao anarquismo nos últimos 150 anos. No entanto, não fechamos os olhos à realidade muito distinta do período atual, que enquanto nos apresenta novas questões e dilemas, se mantém em sua essência: continuamos vivendo sob o capitalismo, um sistema de exploração e dominação mantido pelos interesses das classes dominantes. Por outro lado, a situação no Brasil é de uma classe trabalhadora em grande parte longe dos sindicatos e associações de classe, em empregos informais e precarizados; os laços comunitários foram gradualmente perdidos em face de um individualismo fomentado pelo neoliberalismo; além de uma descrença generalizada quanto à política tradicional, somada a uma apatia na participação política. Além disso, na última década testemunhamos uma perda da combatividade dos principais movimentos sociais, em grande parte por sua associação com setores da esquerda que assumem o governo, ainda que tenham se mostrado incapazes de trazer mudanças significativas à sociedade, demonstrando mais uma vez que o Estado é instrumento das classes dominantes e nunca será ferramenta para alcançar os anseios dos de baixo, do povo oprimido.

Sabemos que o novo mundo que desejamos não está próximo e que sua construção não será nada fácil. Organizar os setores mais explorados da população, resgatar a consciência de classe e reconstruir o tecido social que une o povo são tarefas de décadas, mas que precisamos buscar desde já. É somente na atuação política junto à classe tra-

balhadora, junto às mulheres, negros, LGBTs, indígenas, em solidariedade com todas as lutas contra a exploração e as opressões, e em defesa de relações harmônicas com o meio-ambiente, que podemos caminhar na direção de uma sociedade nova. Uma sociedade sem opressores e exploradores, e também sem mandados e mandatários, onde todo o poder esteja nas mãos do povo, por meio da autogestão e do federalismo.

Completamos agora um ano de existência, cientes de que demos apenas passos muito humildes em nossa caminhada rumo à revolução e ao socialismo libertário, mas confiantes de que estamos trilhando este caminho. Atuamos no meio estudantil, sindical, no movimento comunitário e junto aos movimentos sociais, em Florianópolis, Joinville e Chapecó, para resgatar o anarquismo como uma ferramenta de luta dos trabalhadores e oprimidos de Santa Catarina, e nos somamos ao processo organizativo do anarquismo especificista brasileiro com o surgimento da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB). Fortalecendo os movimentos e iniciativas dos trabalhadores, criando espaços de debate e formação, buscando analisar criticamente nossa atuação política a partir dos referenciais libertários e do anarquismo especificista, para alcançar maior eficácia em nossos passos e garantir que eles rumem para nossos objetivos estratégicos. Seguimos na luta!

Pelo Socialismo e pela Liberdade!

Fundada a Coordenação Anarquista Brasileira



Foto do I CON CAB, Rio de Janeiro/RJ.

Nos dias 8, 9 e 10 de junho de 2012, realizou-se no Rio de Janeiro o I Congresso da Coordenação Anarquista Brasileira (I CON CAB), que discutiu e formalizou as adesões das novas organizações, realizou discussões de conjuntura e programa mínimo, além de um debate e um ato público.

Esse evento organizado pelo antigo Fórum do Anarquismo Organizado (FAO), em parceria com a Federação Anarquista Uruguaia (FAU), contou com a participação de organizações de 10 estados brasileiros, além de mais 3 países, e marca o surgimento da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB), presente em 9 estados. Esses dias marcam

um avanço de organicidade dos anarquistas organizados do país, que após 10 anos de debates impulsionados pelo FAO, passam agora a compor uma coordenação, que visa ao longo dos próximos anos aproximar e alinhar os trabalhos entre esses grupos, afinando assim suas atividades e relações. A fundação da CAB marca mais um passo na construção de uma organização anarquista nacional de matriz especificista.

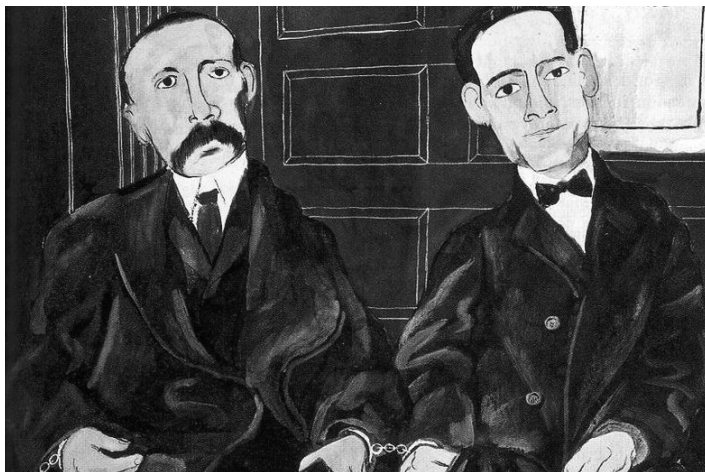
Mais informações sobre o I CON CAB:

www.anarkismo.net/article/23097

Portal da CAB: www.vermelhoenegro.net

O QUERELA

85 anos sem Sacco e Vanzetti



Quadro da série "A paixão de Sacco e Vanzetti" de Benjamin Shahn.

"Durante os três ou quatro últimos dias, muitas pessoas interessadas no caso Sacco-Vanzetti tinham chegado a Boston, vindas de todos os pontos dos Estados Unidos. Quando a decisão final do governador do estado no sentido de que Sacco e Vanzetti seriam executados à meia-noite do dia 22 de agosto se tornou conhecida, muitas pessoas em muitas cidades dos Estados Unidos pensaram poder escutar o surdo mas amargo lamento de angústia que se levou de Boston. Isso foi sentido por uma surpreendente variedade de pessoas. Cientistas e donas de casa, operários e poetas, escritores e mecânicos da estrada de ferro, até mesmo vaqueiros cavalgando no seu solitário trabalho no interior distante compartilharam essa estranha e receosa intimidade com as vidas, as esperanças e os temores de Sacco e Vanzetti. A execução é tão antiga quanto a humanidade e, indiscutivelmente, o número daqueles que eram inocentes, mas que foram executados, é grande. Nunca, porém, uma execução afetara e perturbara tanta gente antes."

Extraído da página 93 do romance social "Sacco & Vanzetti", de Howard Fast, lançado no Brasil pela editora Best Bolso.

O trecho representa o quanto este caso mobilizou a solidariedade, princípio básico do anarquismo, em diferentes setores da classe explorada norte-americana. As mobilizações ecoaram em diferentes cidades do mundo em que houvesse explorados e exploradas organizados, onde a resistência e o apoio aos companheiros Sacco e Vanzetti ganhavam expressões e discursos nos salões operários e nas ruas. Os famosos sapateiro e peixeiro foram executados no dia 23 de Agosto de 1927, acusados de homicídio, mesmo após um dos verdadeiros assassinos ter assumido a autoria do crime e os inocentado. Sacco e Vanzetti foram mortos pelo crime de serem anarquistas.

Pocho VIVE!

"Proudhon dizia que há cadáveres galvanizados que transitam pelo mundo. [...]"

Quem pretende tornar-se vivo só tem um caminho. Aqui eu paro de falar dos vivos que estão mortos. Prefiro dar voz aos mortos que estão vivos. Pocho Mechoso nos diz que 'há uma só maneira de viver sem sentir vergonha: lutando. Ajudando para que a rebeldia se estenda por todos os lados, ajudando para que se unam o perseguido e o homem sem trabalho, ajudando para que o "sedicioso" e o operário explorado se reconheçam como companheiros, aprendam lutando que têm à frente um inimigo comum.' Essas são as palavras de Pocho, que nos chegam ao coração por intermédio do passado e da história. São os ombros dos gigantes."

De Rafael Vendetta, "Que outro caminho nos resta?", extraído do blog: www.pseudocontos.wordpress.com/2012/08/20/que-outro-caminho-nos-resta/

Os restos mortais de Alberto "Pocho" Mechoso foram encontrados, no dia 23 de maio de 2012. Fundador da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU), também foi sindicalista na Federação dos Operários da Carne e militante ativo da Organização Popular Revolucionária 33 Orientais (OPR-33), braço armado da FAU que dava apoio a greves e realizava sequestros de patrões e expropriações para financiar a luta durante a ditadura uruguiaia.

Em seus últimos anos de vida, "Pocho" militou no Partido pela Vitória do Povo (PVP), organização que dissolveu a FAU. Preso em Buenos Aires em 26 de setembro de 1976, seu corpo foi encontrado com outros sete no fundo do mar, dentro de barris com cimento.

Casa de cultura do Iririú, cultura comunitária

Em 2011, o Grupo de Teatro O Canto do Povo, de Joinville/SC, transformou a sua casa de ensaio em espaço para produção cultural comunitária. O espaço recebe o nome de "Casa de Cultura do Iririú", onde cursos livres de teatro, iniciação musical e de dança são realizados para a comunidade. Também ocorrem apresentações de companhias teatrais locais. Outro evento marcante são as Partilhas Culturais, quando cada pessoa leva um bolo, uma poesia ou uma música para compartilhar com as pessoas presentes. A Casa Cultural do Iririú está aberta e se mantém sem incentivo do Estado e da iniciativa privada, por meio de doações e contribuições voluntárias, enquanto a gestão é feita de maneira coletiva, esboçando uma prática autogestionária.

Mais informações em : www.facebook.com/cantodopovo